

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-METAFÍSICA DE “OS ALPES” SOBRE A GÊNESE DA *STIMMUNG* EM GEORG SIMMEL

Teresa Dugos

(Mestrado em Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

“E porque o transcendente, o absoluto em cuja atmosfera [*Stimmung*] esta paisagem se vem entrelaçar connosco, está para além de toda e qualquer palavra, então ela situa-se, se não for infantilmente humanizada, para além de toda a forma.”

GEORG SIMMEL, “Os Alpes”, p. 54

O título do presente ensaio¹ surgiu-nos aquando da leitura conjunta dos textos² de Simmel, “Os Alpes” (1911) e “Filosofia da paisagem”

¹ Leitura e análise do ensaio de G. Simmel, “Os Alpes”, in Adriana Veríssimo Serrão (coordenação de), *Filosofia da paisagem: Uma antologia*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, pp. 52-58. Para o desenvolvimento da noção de *Stimmung*, fundamental para a compreensão da experiência estético-metafísica, recorremos a outros escritos do autor, por nós eleitos no contexto do nosso tema, nomeadamente o artigo “Filosofia da paisagem”, in Adriana Veríssimo Serrão (coord.), *Filosofia da paisagem. Uma Antologia*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, pp. 42-51, e as obras, *Problemas Fundamentais da Filosofia e Intuição da Vida*. Consultámos, ainda, na obra de Simmel, os títulos *Rembrandt* e *Goethe*, porque neles encontrámos o diálogo com outros autores, que vêm a sustentar o nosso tema. Sempre que possível, recorreremos às obras destes, para o mesmo efeito.

² O ensaio “Filosofia da paisagem” (“Philosophie der Landschaft”) foi publicado em 1913, em *Die Gùldenammer. Norddeutsche Monatshefte*, Bremen (Agosto), enquanto o segundo, “Os Alpes” (“Die Alpen”), foi inserido por Simmel na colectânea *Philosophische Kultur*, em 1911, dois anos antes do anterior. Assinalamos a circunstância de este ensaio ter tido, no mesmo ano de 1911, uma primeira versão, surgida em *Der Tag. Moderne illustrierte Teil*, Berlin, n.º 16, com *Philosophica*, 42, Lisboa, 2013, pp. 23-36.

(1913), a partir da noção de *Stimmung*³, de que adoptamos a tradução do alemão para o português como *atmosfera*, para a qual fazemos convergir a relação de *sintonia* presente na experiência estético-metafísica.

Ficou para nós evidente que Simmel nos oferece a narrativa, vivencial, da gênese da *Stimmung* no texto de 1911 – muito embora neste surja impressa a palavra uma única vez, justamente, na passagem de “Os Alpes” que consta na epígrafe –, para a desenvolver em “Filosofia da paisagem”, artigo onde expõe e fundamenta, de modo expresso, a *Stimmung* da paisagem como o que permite a relação de sintonia, e de modo muito preciso nos artigos já citados, entre natureza e cultura ou, mais especificamente, entre natureza e arte. Pela *Stimmung*, pois, assistimos à reconciliação entre as duas dimensões, possibilitada pela *atmosfera* comum a ambas, sem que se antropomorfize a natureza, ou naturalize o homem, assistindo-se a uma doação recíproca no lugar da *paisagem*.

De um lado o homem, com todas as configurações culturais e históricas, nas quais cabe uma concepção unilateral de natureza, do outro, *algo* que Simmel, já na configuração alpina, mede na sua materialidade pesada e dilacerante, que perturba o autor, justamente pela simplicidade do seu *mero estar*, e que se manifesta na “alta montanha, com a impossibilidade de libertação e o ímpeto da sua massa exclusivamente material [...]”⁴.

o título “Ästhetik der Alpen” (Cf. Adriana Veríssimo Serrão, “Georg Simmel”, in *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, cit., p. 41). A circunstância apontada, como cremos, é da maior importância, já que o ensaio, “Os Alpes”, cronologicamente o primeiro, contém em esboço alguns dos princípios fundamentais de uma *estética filosófica da paisagem*, preocupação directa de Simmel na referida “Filosofia da paisagem”. É interessante notar que, a propósito de uma estética dos Alpes, o pensamento expresso neste texto pode dizer-se a aplicação dos fundamentos de uma filosofia da paisagem contidos e desenvolvidos no ensaio de 1913. Podemos, assim, afirmar que Simmel, em 1911, havia acedido a um certo saber filosófico sobre a paisagem e seu significado metafísico, antes mesmo de se ter dedicado à exposição dos seus fundamentos, para a qual também contribuíram outros ensaios do filósofo, nomeadamente os dedicados ao “peso” e à “quantidade”, de 1901 e 1903, respectivamente: “Ästhetik der Schwere” e “Die ästhetische Quantität”.

³ *Stimmung* é um termo alemão de carácter polissémico e de difícil tradução nas línguas latinas. Como reconhece Adriana Veríssimo Serrão, que chama a atenção para as peculiaridades simmelianas do termo, ele só pode ser entendido pela convergência de “três aspectos incindíveis: a conformação singular das partes que dota cada paisagem de um “carácter” individual; a junção dos traços anímicos do sujeito numa peculiar “disposição” ou “índole”; e, por fim, a fusão de ambas – a vertente objectiva e a vertente subjectiva – numa “tonalidade” ou “atmosfera” únicas” (Adriana Veríssimo Serrão, “Georg Simmel”, p. 40). Adoptamos o termo *atmosfera*, que de modo mais forte se nos apresentou na nossa leitura, e por ele desenvolveremos a noção de *Stimmung*, dando nela o enfoque, justamente, à experiência de sintonia.

⁴ G. Simmel, “Os Alpes”, p. 54.

Peso, matéria e escala já estão nas preocupações estéticas de Simmel no texto de 1903, “A quantidade estética”, quando afirma dever-se “a atracção visual dos Alpes [...], essencialmente, ao carácter extraordinário da sua massa, e o seu valor formal [revelar] a sua eficácia estética, somente naquela Escala”⁵.

Entra, assim, na medida do homem, *o que* não pode ser medido na sua Escala, tendo de ser deslocado para outra dimensão, para que seja possível conceber a natureza não antropomorfizada, insinuando-se a ideia de que a alma, tessitura de forças anímicas, dê o salto para além das formas, e a partir do seu centro ou do seu ponto alfa e ómega⁶ sintonize, na atmosfera transcendente compreendida na *Stimmung* de “Os Alpes”, com o centro desse *algo* que virá a ser o *informe* por entre a multiplicidade de formas.

O que está aqui em causa, e que confere lugar à paisagem nos conteúdos do mundo filosófico, encontra-se formulado por Simmel na sua obra de 1910, *Problemas Fundamentais da Filosofia* (vizinha de “Os Alpes” e de “Filosofia da paisagem”):

A unificação do mundo é, por esta razão, o acto verdadeiramente filosófico e nele se exprime que a alma responde à impressão da totalidade do ser. Se, porém, [a totalidade do ser] toca a alma e nela quer penetrar, forçoso é que esta lhe comunique a sua própria forma e procure abranger a multiplicidade dos seus conteúdos em *um* conceito, *uma* significação, *um* valor.⁷

O toque compreendido na sintonia da *Stimmung* alpina converge, a nosso ver, para a expressão *matéria sentida* como a experiência da unidade⁸, que abre caminho para o Ser-intangível, o Uno, por entre o *dever* das

⁵ G. Simmel, “A quantidade estética”, in *Le cadre et autres essais*, Mayenne: Le Promeneur, 2003, p. 41.

⁶ “Imaginamos a vida como uma corrente contínua através das gerações sucessivas. Mas os seus portadores [...] são indivíduos, ou seja, seres encerrados, centrados em si, inequivocamente desligados entre si.” (G. Simmel, *Intuición de la Vida – Cuatro Capítulos de Metafísica*, Buenos Aires: Editorial Nova, 1950, p. 19)

⁷ G. Simmel, *Problemas Fundamentais da Filosofia*, tradução de Inah Oliveira do Amaral Aguiar, Coimbra: Atlântida Editora, 1970, p. 31. Por tal, o filósofo é aquele que “possui [...] um sentido para a totalidade das coisas e da vida e – se é produtivo –, a capacidade de transformar essa introspecção ou esse sentimento do todo em conceitos e combiná-los entre si.” (*Ibid.*, p. 31)

⁸ Não se trata de uma unidade formal, categorial. A unidade está na própria sensação, impressão, possibilitando a expressão, *matéria sentida*, conforme lemos nas seguintes passagens de “Os Alpes” e “Filosofia da paisagem”, respectivamente: “[A conformação alpina] tem no geral algo de inquieto, de contingente, que prescinde daquela unidade da forma, propriamente dita [...]” (G. Simmel, “os Alpes”, p. 53); “Assim, a unidade que instaura a paisagem enquanto tal e a *Stimmung* que se desprende dela

formas, mercê da convergência de forças que assim se dispõem em momentos solenes, os quais, pela sua *massividade* e imponência, deslocam o centro do indivíduo para o que não cabe mais na sua forma, mas que a extravasa, reconfigurando e recriando toda a vida e experiência do mundo de *uma* alma ou do Observador⁹.

Muito embora, afirma-nos Simmel, seja “a vida [...] a única forma de existência que conhecemos”¹⁰, há, no entanto, um peculiar *saber* que dela se desprende para uma outra ordem, a do transcendente – imanente à vida sem com ela se diluir, identificar ou confundir –, e que estando para além de qualquer palavra, está para além de qualquer forma.

Ora, *sentindo-se na atmosfera* da Altura a força incontrolável da *matéria* que resiste a qualquer formação, assiste-se ao vínculo, unidade, entre a matéria e o espírito, nomeadamente aquando do “peculiar significado do momento da massa”¹¹, o que contribuirá para estabelecer o vínculo entre natureza e arte, sem que ambas sejam reduzidas ou aniquiladas, quer segundo uma relação de correspondência e de identificação recíprocas, quer numa relação de precedência de uma sobre a outra, uma vez que *algo* há que, muito embora lhes seja comum, as transcende, e que é pressentido na materialidade da *Stimmung*, a partir do *quantum* de matéria.

Tudo se joga, pois, no ponto do toque entre a totalidade do ser e *uma* alma – toque que julgamos ter encontrado na *atmosfera* dos altos Alpes, a partir do qual acontece a experiência estético-metafísica – que entendemos ser uma sensibilidade espiritual à manifestação do informe por entre as formas, informe que se situa aquém de toda a forma, sendo sua origem e fundamento, e além de toda a forma, mostrando-se como princípio¹².

para nós e com a qual a abarcamos são apenas decomposições posteriores de um e mesmo acto anímico.” (G. Simmel, “Filosofia da paisagem”, p. 50). Abre-se o caminho para, e a partir da atmosfera genesiaca e primordial acontecida nos Alpes, conciliar, pela experiência da unidade, o ser e o devir, o uno e o múltiplo.

⁹ A figura do Observador em “Os Alpes” aponta num sentido de dupla face. Um, e o mais evidente, é de que há que fazer a experiência, ou seja, a experiência de que aqui trata Simmel é vivida, acrescentaríamos, pelo próprio. O outro é de que o Observador assiste ao espectáculo das forças em tumulto, e que, aos poucos, vão amansando, como que dispondo-se para a atmosfera propícia a ser sentida pelo próprio Observador. O alcance da *Stimmung* na vida da experiência confere o lugar do homem na relação com os demais seres, nomeadamente com o ser-matéria: esta não precisa do homem, nem está “inerte” à espera de uma qualquer configuração ou conformação para se revolver e volver no fluxo que lhe é próprio; mas momentos há em que parece dispor-se para o sentimento, abandonando-se à forma e à figura.

¹⁰ G. Simmel, *Problemas Fundamentais da Filosofia*, p. 58.

¹¹ G. Simmel, “Os Alpes”, p. 53.

¹² “Há, portanto, um informe no meio de todas as formas e um informe para além de toda a forma.” (G. Simmel, “Os Alpes”, p. 54)

A totalidade do ser, indomável à figura e à forma, e, mesmo, ao conceito, toca uma alma, personificada em “Os Alpes” no Observador, a qual, na Altura plena da montanha, ou seja, na atmosfera do sublime, atende segundo um certo saber pelo qual compreende que o plano dos princípios e dos fundamentos não se mistura com o do efeito e o do fundamentado. O informe mostra-se como força que atrai para o momento preciso e solene da *Stimmung*, revivendo aquele que observa, em momento posterior, isto é, já na ordem do existente, aquela *atmosfera* única de sintonia como um *único acorde*¹³ entre o objectivo e o subjectivo, de tal modo não sabermos mais distinguir um do outro.

Apesar de tudo, aquela sintonia pode resultar no arbitrário, no artificialmente construído ou no *humanamente infantilizado*, aquando da transposição de elementos¹⁴ de Escalas diferentes, que Simmel nos exemplifica, retomando as articulações entre natureza e arte. Com efeito, e no que respeita à figura humana, sublinha-nos o autor que as formas e a escala formam uma unidade inseparável da impressão estética, pelo que o artista consegue representá-la com relativa facilidade, atendendo a que lhe é possível captar o sentido a partir do interior¹⁵, para deixar que a significação e a unidade correctas da forma actuem inalteradas, ainda que em escalas modificadas – seja em miniatura, seja num colosso.

O mesmo já não acontece com os Alpes, uma vez que não conseguimos desprender deles uma forma, dada a impressão da massa esmagadora em que se nos apresentam. Por exemplo, os pintores¹⁶ que tentam transpor os Alpes para o plano da tela falham o princípio pelo qual na obra de arte vive o seu objecto real ao procederem por analogia com a figura humana, uma vez que o maciço pertence à ordem do inorgânico, do qual não se desprende o sentido a partir do seu interior; a impressão massiva, inclusive, não se deixa representar por uma imagem.

¹³ Cf. *ibid.*, p. 55.

¹⁴ “Mesmo que não se exija da obra de arte que repita naturalisticamente a impressão do seu objecto real, não deixa de ser necessário que o essencial deste objecto, por mais reelaborado que seja, continue a viver nela, para que ela seja precisamente atribuída àquele objecto e não a um outro qualquer.” (*Ibid.*, p. 52)

¹⁵ Definição que propriamente assiste ao “ser orgânico”, como o que tem a sua própria forma sem necessitar do concurso de algo que lhe é externo – que podemos encontrar na causalidade material aristotélica ou no crescimento por intussuscepção, nomeadamente em Kant –, e que Simmel enuncia no início de *Metafísica da Morte*.

¹⁶ “[...] nenhum quadro dos Alpes alcança a impressão da *massa* esmagadora, e os grandes pintores [...] procuram subtrair-se a esta tarefa mediante a estilização requintada, deslocamentos de acentuações, efeitos cromáticos, mais do que solucioná-la.” (G. Simmel, “Os Alpes”, p. 53)

Temos, pois, que a impressão estética, que vive do par forma-Escala, terá de encontrar uma outra face onde seja possível a sintonia de que não resulte uma ordem arbitrária, que se revelará como impressão mística¹⁷, a qual assenta, em nosso entender, no par unidade-Escala, porque, como no-lo afirma Simmel, atende a essa “matéria que ante as configurações das montanhas se capta com um olhar, mais do que em qualquer outra paisagem, [revelando] silenciosamente o seu segredo.”¹⁸ É o segredo que o Observador escuta, cumprindo-se aí o toque entre a peso colossal da matéria e *uma* alma, que *sente* e que posteriormente lhe dá um conceito, uma significação, um valor.

Creemos que Simmel evidencia uma diferença entre a Filosofia e a Arte¹⁹, porquanto a disposição para formar artisticamente penetra no filósofo forçando-o a configurar e a recriar *o* mundo, e não *um* mundo, seja o da tela, de uma escultura, de um poema ou de uma partitura. Esta diferença é importante relativamente ao lugar da natureza e a uma sua concepção não instrumentalizada, e que poderá ser apreciada no artigo de 1913, “Filosofia da paisagem”, nomeadamente com a expressão, *ser real*, como “representante e símbolo daquele ser global cujo fluxo ouvimos sussurrar nele”, afirmando-se, assim, a Natureza como “a infinita conexão das coisas, a ininterrupta procriação e aniquilação de formas, a unidade fluente do acontecer, que se expressa na continuidade da existência espacial e temporal”²⁰.

Dois anos antes (1911), será a partir do *quantum* da matéria e a Escala que Simmel nos oferece uma unidade da impressão na sua face esté-

¹⁷ “Eckhardt ensina que não se deve amar a Deus porque é bom, justo, poderoso, etc., pois todas estas são qualidades [*Eigenschaften*] singulares e determinadas que lhe tiram a sua unidade absoluta, seu Ser-“nada”.” (G. Simmel, *Rembrandt – Ensayo de Filosofia del Arte*, Buenos Aires: Editorial Nova, 1950, p. 113). O Ser-intangível aproxima-se, por esta passagem, do Ser-‘nada’, porque em ambos os autores está a preocupação em manter um plano que não esteja refém das humanas, contraditórias e, mesmo, aniquiladoras projecções, dizendo-nos Mestre Eckhardt: “Mas nós violentamo-lo e somos injustos com Ele, quando com a nossa impreparação o impedimos no seu operar natural.” (Mestre Eckhardt, “Tratado do Discernimento”, in *Tratados e Sermões*, tradução de Jorge Telles de Menezes, Paulinas: 2009, Prior Velho, p. 85).

¹⁸ G. Simmel, “Os Alpes”, p. 54.

¹⁹ “Mas o facto que estas coisas, percebidas nas suas qualidades, são, está para além da própria percepção, não pode de forma alguma tornar-se intuitivo. É este – diga-se de passagem – o sentido e o fundamento da afirmação de que a arte é “desinteressada”, isto é, que não se preocupa com a realidade dos objectos, mas apenas com a sua aparência, com a sua “imagem”.” (G. Simmel, *Problemas Fundamentais da Filosofia*, p. 48)

²⁰ G. Simmel, “Filosofia da paisagem”, p. 42.

tica e na sua face mística, que põe em sintonia o Ser-real e o Ser-intangível. A matéria não é nem objecto nem sujeito para as disposições humanas. Dispõe-se, contudo, em momentos únicos para que o Observador possa apreciar uma dimensão que tudo transcende, e com essa impressão, essa sensação, proceda à unificação do mundo.

Se a representação da figura humana se joga entre as formas e a Escala, e se no pólo oposto²¹, que é o dos Alpes, acontece a experiência onde o que conta não é o humano e o orgânico, mas, precisamente, a ausência de ambos, logo, a presença do transcendente tem que pertencer a uma ordem diferente e, mesmo, oposta, sob pena de continuarmos no registo do mesmo e na horizontalidade das relações, ou seja, sem conseguirmos emergir²² (para o Alto) de uma concepção determinista e necessitarista da própria torrente da vida.

O risco consignado no salto, à vista da *matéria sentida*, pede que o Observador vá além do que está acostumado a sentir, e que consinta em receber o elemento de perturbação no seio de uma coerência dos elementos e do mundo, já dados. Por exemplo, e atendendo ao transcendente, ao que excede e extravasa, as categorias de simetria e de proporcionalidade não chegam para darmos significado ao que acontece na *atmosfera* da Altura plena. Assim, a impressão dos Alpes, na sua face mística, terá de admitir a assimetria e a desproporcionalidade, correlativas à simetria e à proporcionalidade, na sua face estética, para que o acontecer na *Stimmung* alpina permita, então, a experiência estético-metafísica, na qual se compreende o imanente e o transcendente.

Justifica-se, pois, que seja através das medidas de grandeza e da Escala que se dê a revelação de uma nova metafísica da força incomensurável do absoluto informe, manifestando-se, contudo, na forma e figura gigantescas daquele maciço montanhoso. Os Alpes são a prova viva de que a paisagem é incaptável pelos conceitos e pode muito bem constituir, pelo contrário, uma experiência dinâmica criadora²³, capaz de os relativizar.

²¹ “Num destes pólos encontra-se a figura humana; aí onde captamos o sentido de uma figura a partir do seu interior [...]. No pólo oposto da escala encontram-se os Alpes.” (G. Simmel, “Os Alpes”, p. 52)

²² “Neste afastamento da vida reside talvez o derradeiro segredo da impressão dos Altos Alpes.” (*Ibid.*, p. 55)

²³ Pelo lugar que o Observador ocupa na *Stimmung* compreendemos que, para Simmel, o homem cria segundo uma configuração, pois, propriamente, o homem não cria a partir do nada, nem o mundo, como já vimos, distanciando-se o nosso autor, por exemplo, do projecto do idealismo alemão (cf. Manuel J. do Carmo Ferreira, “O Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão”, in *Philosophica* 9 [1997], pp. 225-237, onde podemos ler na defesa de uma *Ética*: “Com o ser livre, consciente de si, surge ao mesmo tempo – a partir do nada [*Nichts*] – todo um mundo, a única criação a partir do nada verdadeira e

zar. Um dos exemplos está na contemplação da paisagem nevada que arrasta significações para o absoluto e transcendente, muito além das convicções humanas.

A *Stimmung* que propiciou a experiência estético-metafísica, pois, parece fundar a possibilidade de uma experiência integradora, quer da singularidade (esta experiência e não outra qualquer, da ordem do terreno), quer desse *algo* que levamos ao limite do nosso pensamento, medindo-o, não já na sedimentação das convenções e modelos pré-determinados, mas pelo novo que será origem e fundamento de toda a experiência possível e que nos situa no plano do universal, a que se chega não por decifração cognitiva ou por uma análise formal, mas por um movimento da alma que pensa e sente o peso e a materialidade do *quantum* da impressão, cifrados no absoluto informe, latente no aquém e no além da forma.

Insistimos, e ainda para a experiência conceptual ou para a fixidez das fórmulas onde radicamos a vida e o nosso pensamento: a experiência estético-metafísica convida-nos a transpor os nossos absolutos ou firmes certezas perante uma paisagem onde o paradoxo é real, porque relativiza as nossas medidas, espaço e referências.

A sintonia, pois, está presente naquela impressão de unidade pela qual se alcança o *novo metafísico*²⁴, um novo plano e uma outra ordem, ou seja «uma altura absoluta, sem a profundidade correspondente; o lado único de uma correlação, que pura e simplesmente não pode subsistir sem a outra, existindo contudo numa auto-suficiência visível»²⁵.

Os Alpes, a Altura da montanha desvela-nos ou pode revelar uma nova experiência estética da quantidade, enquanto a desmesura e o inquantificado. Justifica-se tal pela transposição operada por Simmel das palavras, *força, massa, momento, energia*, da Física para o plano da impressão de face dupla, estética e mística, que atende, na experiência estético-metafísica, à materialidade dos elementos no seu mero *quantum*, isto é, na sua quantidade elementar²⁶, unitária, indivisível, e que, ao mesmo tempo, é

pensável.» [p. 231]). Face à descrição do que acontece na atmosfera dos Altos Alpes, esta concepção de criação não eleva nem a natureza, nem o homem, porquanto ele só se eleva, quando maior for a medida que interpela. Por outro lado, surge-nos o *Nichts* como uma visão unilateral por parte do homem, que não atende justamente ao colossal jogo de forças presenciadas na atmosfera alpina. É à vista desta que o homem aprende uma dinâmica criadora. Este o sentido que damos ao processo de unificação do mundo em Simmel.

²⁴ “É só quando tudo isto abaixo [...] foi abandonado que se alcançou o novo plano dos princípios, o novo metafísico [...]” (G. Simmel, “Alpes”, p. 57)

²⁵ *Ibid.*, p. 57.

²⁶ “Aqui porém está a paisagem que é plenamente “conclusa”, porque [...] não aspira a nenhuma consumação ou libertação pelo olhar ou pela elaboração artística;

capaz de força reintegradora ante o absoluto, não deixando que o plano do elemento simples se pulverize ou dilua, ou seja petrificado em ‘coisas’.

Se em face da vida, do existir do vale, na planície e junto ao mar aca-lento a imagem da própria vida e do existir como “mobilidade ondulante” ou “incessante relatividade dos opostos”²⁷, em face da austera montanha, da impressão que dela me vem, “chega [...] um pressentimento e um símbolo contraposto: que na sua máxima elevação a vida se liberta naquilo que não cabe mais na sua forma, mas está acima dela e em face dela”²⁸.

O emergir do fluxo da vida está compreendido na expressão simme-liana *abstracção da vida*, que define, quanto a nós, o ponto de toque entre a totalidade do ser e uma alma, toque esse mercê de uma sintonização que tem como pano de fundo uma *atmosfera única*, e que a narrativa posterior, isto é, em face da sensação recriada, dará uma significação, sem que esta se confunda com o Ser ele mesmo, o Uno, o Todo, o ““outro” pura e simples, o ser intangível pela mobilidade temporal que é a forma da vida”²⁹.

O Outro interpela-nos, justamente, pela diferença de Escala, colo-cando-nos na impossibilidade da analogia, no limite da palavra e da signi-ficação. Simmel situa-nos à beira do homem para afirmar que o derradei-ro salto, conforme temos vindo a esboçar, é para fora da forma realizada e, de algum modo, sedimentada, para dela nos distanciarmos, e estarmos disponíveis na *Stimmung*. Diz-nos Simmel:

Na alta montanha, a libertação da vida como uma vida contingente e opressiva, uma vida singular e mesquinha, chega-nos na direcção oposta: em vez da saciedade estilizada da paixão da vida, um distanciamento dela; aqui a vida está presa por algo e de certo modo entretecida em algo que é mais silencioso, mais estático, mais puro e mais elevado do que a vida pode ser³⁰.

Um Outro silencioso, rígido, puro, absolutamente Alto, que o Obser-vador não espera encontrar, mas que, e a partir do toque, compreenderá que é na escuta daquele, isto é, no salto, que a dimensão *outra* se mostra na sua primordialidade prístina.

Perante esta impressão de incomunicabilidade acontecida na Altura, face a uma paisagem conclusa, que não aspira a nenhuma consumação ou libertação, o toque não depende de um acto da vontade, nem de um intui-

contrapõe-lhes o ímpeto irresistível da sua simples existência.” (G. Simmel, “Os Alpes”, p. 57).

²⁷ *Ibid.*, p. 58.

²⁸ *Ibid.*, p. 58.

²⁹ *Ibid.*, p. 56.

³⁰ *Ibid.*, p. 55.

to representativo, nem de um plano puramente conceptual; não tem igualmente por base um qualquer desejo, nem, tão-pouco, a glorificação do Observador. Assim como a matéria se dispõe para o momento, também o espírito se disponibiliza para o acontecer da *Stimmung*.

Aquela atmosfera experienciada no ápice da Altura, onde não há chão ou raízes, permite que a alma atenda à verticalidade que consignará o vínculo concordante no plano da relação e do relativo, a fim de que não aconteça o arbitrário ou a aplicação de um modelo acabado a algo que não é da ordem do humanamente limitado ou determinado.

É por isso que a questão da forma leva a impressão às últimas categorias da alma, como afirma Simmel, ascendendo-se da impressão estética (forma-Escala) à impressão mística (unidade-Escala), tal como na subida da montanha o Observador ascende do penhasco (múltiplo) ao glaciar (Uno).

No penhasco ainda percebemos as forças opostamente dirigidas: a que corrói e destrói (avalanches ou enxurradas); e a criadora, a que constitui, que tudo eleva. O cessar da oposição, isto é, o repouso, revive no Observador, reintegrando-o na paisagem, e que ele reintegrará na obra de arte, pois que “na figura momentânea [o] choque e interpenetração de forças tornou-se, por assim dizer, estável e volta a viver no Observador como uma reconstrução anímica que os apreende instintivamente”³¹. Este o plano em que se situa a Arte.

Subindo ao glaciar, ou seja, acedendo ao ausente de forma, não há mais nenhum jogo, pois que o baixo, estando coberto de neve, deixa de ser perceptível. Aqui é o encontro com o ausente de forma, e sem forma no tempo, ou, de outro modo, do que não é da ordem do existente. A experiência compreendida na *Stimmung*, e que acontece no espaço das neves eternas, oferece ao *olhar espiritual*³² o plano do irrepresentável, do que não tem imagem, porque já é numa outra Escala. A dimensão Outra, ou seja, o *novo espaço* onde a *Stimmung* acontece, é an-histórico, onde

³¹ G. Simmel, “Os Alpes”, p. 55. A arte joga-se nesta atmosfera.

³² “Mas, por outro lado, os rochedos que se erguem desmesuradamente [...] conduzem o olhar espiritual a ascender até onde, mesmo para além do maior dos perigos, ainda permanece alcançável o que é inacessível à mera força da vontade.” (*Ibid.*, p. 54). É pelo olhar espiritual, visão noética e metanoética, que é alcançado o Ser e, a partir daqui, medidos a natureza e o homem. A passagem seguinte reitera esta via da sensibilidade espiritual ao Uno: “Os sentidos não nos podem dar o ser; pelo contrário, o ser é qualquer coisa que nós damos aos sentidos, qualquer coisa de metafísico que nada tem a ver com a arte, porque esta é matéria dos sentidos, o conteúdo intuitivo das coisas. Só podemos conceber o ser se lhe atribuirmos uma proveniência que não seja a ordem das coisas tal como se apresenta, de forma imediata.” (G. Simmel, *Problemas Fundamentais da Filosofia*, p. 48)

não há Verão ou Inverno, passado ou futuro³³, nem tão-pouco destino humano, afirmando-nos Simmel, precisamente, que a “sublimidade mística desta impressão, não deve de modo algum ser comparada com o que define a “bela” paisagem alpina”³⁴.

Aqui chegados, mostra-nos Simmel que ao homem, enquanto espécie sensível-espiritual³⁵, lhe é impossível permanecer numa experiência continuada do plano supra-terreno, ou em ascensão contínua, sob pena de aniquilamento da sua própria forma, muito embora seja aquele mesmo plano a atraí-lo e a propiciar-lhe uma experiência de unidade, aquando do toque matéria-espírito.

O céu encoberto faz cessar a atmosfera das neves eternas, e começa a dar lugar às montanhas de neve, que já se situam no plano do existente, da forma, do espaço e do tempo, onde medimos a nossa vida corrente. A impressão de dupla face, estética e mística, cessa, pois, assim que iniciamos a descida da Altura, marcada pela presença das Nuvens³⁶, para voltarmos ao borbulhar e ao bulício das formas, ao movimento ondulante da existência, de que o Mar é símbolo maior³⁷.

³³ “Ainda que com rigor conceptual se separe passado, presente e futuro, o tempo é irreal, porque só é real o momento presente temporalmente inextenso, ou seja, intemporal.” (G. Simmel, *Intuição da Vida*, p. 18). Relembre-se a formulação agostiniana do tempo em *Confissões* e seu alcance para o sentimento da unidade: “Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse a passado, já não seria tempo, mas eternidade.” (Santo Agostinho, *Confissões* [edição bilingue], tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Lisboa: Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira/Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, XI, XV, 17, p. 567). Platão, no *Timeu*, já avançara com uma concepção do tempo como “imagem móvel da eternidade” (cf. 37 d). O eterno presente, o intemporal, liga-se nos três autores ao Uno (Ser) e à sua unidade, a qual se compreende no toque presencial, e intemporal, que descentra a alma do múltiplo para o Uno. Importa, também, compreender que há sintonia no toque, na qual cessa o movimento, olhando a alma para o Ser que não é perturbado pelo devir e pela multiplicidade, sendo, contudo, seu princípio e fundamento, e alimento para toda a experiência possível.

³⁴ G. Simmel, “Os Alpes”, p. 57.

³⁵ “Somos totalmente incapazes de fruir uma forma pura, isto é, a mera relação de linhas, superfícies, cores; tal como a nossa espécie sensível-espiritual se encontra constituída de uma vez por todas, esta fruição está associada a uma quantidade determinada de tais formas.” (*Ibid.*, p. 52)

³⁶ “[...] em simultâneo com a impressão mística de que brotou, a impressão estética desvanecese logo que o céu por cima das montanhas de neve fica espessamente encoberto; com efeito, elas são empurradas até à terra pelas nuvens, são comprimidas e encerradas como toda a restante terra.” (*Ibid.*, p. 54)

³⁷ “O mar redime-nos da facticidade imediata e da quantidade meramente relativa da vida pela dinâmica ultra-poderosa que conduz a vida para além dela graças às suas formas próprias.” (*Ibid.*, p. 55)

Entendemos, pois, marcarem as Nuvens o limite, empurrando-nos para a forma, para a figura, para a palavra, segundo uma configuração do mundo, que se não deixará cristalizar no absoluto da clareza, da evidência, da luz ou da iluminação.

Se, por um lado, as Nuvens velam o Absoluto, por outro, são elas que permitem que aconteça a narrativa posterior da experiência vivida na Altura da montanha, recordando o homem que a sua existência *está* na tensão entre o a-relativo e o relativo; entre a unidade e as formas; entre um ponto e o mundo. Por outras palavras, ao par Altura-Nuvens, corresponde o do Ser-Existência.

Como narrar o acontecido, sem proceder, justamente, à petrificação da Altura, ou à sua antropomorfização? Como dizer algo do Ser-intangível, princípio e fundamento de toda a experiência possível, sem o violentar ou aniquilar? Esta é uma pergunta que todo o artigo de “Os Alpes” pede, pela tensão que lhe inere, e que se justifica no facto de Simmel afirmar a unidade, por entre forças colossais rebeldes à unificação, mas que, e na brevidade de um momento, parecem amansar-se, dispondo-se em atmosfera suportável à espécie sensível-espiritual.

Então oferece-nos Simmel, como temos vindo a indicar, a *matéria sentida*, como símbolo do mais Alto que se manifesta no espaço das neves eternas. A alma *está*, agora, entre Escalas; entre o devir e o ser. Para a unificação do mundo, à vista daquela atmosfera única, terá de efectuar uma transposição de elementos, pelo que terá na analogia como metáfora³⁸ esse meio que lhe permite transpor a impressão da unidade que se desprende da Altura, para lhe dar um conteúdo significativo na multiplicidade, sem que a petrifique, violento ou aniquile.

³⁸ No âmbito da experiência estético-metafísica, e já no plano da configuração e da recriação da sensação havida na intemporalidade da *Stimmung* alpina, urge, agora, dar-lhe uma significação através da palavra, mantendo, contudo, a narrativa no fluxo. Para o efeito, o recurso à analogia (proporção), como metáfora (transporte de sentido ou figuração, possibilidade de transportar de um lugar ao outro), permite conciliar as dimensões do ser e do devir, as quais são postas por Simmel em Escalas assimétricas e no registo da desproporcionalidade entre ambas. Não dar forma humana ao ser e não solidificar o devir, eis, quanto a nós, o problema de Simmel, e que ele resolve com a *atmosfera* ou *Stimmung* alpina, para depois a transpor para o par natureza-arte com a *Stimmung* da paisagem no artigo de 1913. Ora, como dizíamos, no plano da palavra, o novo é configurado fora da convenção e do hábito. Lemos este salto, este para fora, já no *Crátilo* de Platão: “Aquele nome que alguém estabeleça dar a cada coisa, será o nome da coisa?” (385 a); é que “estando as coisas em movimento, atingi-las, estar em contacto com elas e poder segui-las é uma prova de sabedoria.” (404 d). É nesta tensão paradoxal que situamos a metáfora como meio para comunicar a experiência vivida na atmosfera do transcendente.

O Observador está *presente* no espaço das neves eternas, como ser humano inteiro, sem estar cindido, como leremos em “Filosofia da paisagem”³⁹, em um eu que sente e um eu que pensa. O espírito desce à alma, assim como a Altura à planície, a partir do momento em que o Observador inicia a sua viagem de regresso⁴⁰, durante a qual recria a sensação do acontecido na *Stimmung*, e que agora fica para trás, mas que ele transporta, recordando-a, ainda que fragmentariamente, para logo fazer nascer o *novo metafísico*. A partir daqui compreende-se que a *Stimmung*, que se disponibiliza nos Alpes, propiciará o lugar de encontro entre o homem, a cultura e a natureza, vertido na noção de *paisagem* de Georg Simmel.

Referências bibliográficas:

- AGOSTINHO (Santo), *Confissões* (edição bilingue), tradução e notas de Arnaldo Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Lisboa, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira/ Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.
- ECKHART (Mestre), “Tratado do Discernimento”, in *Tratados e Sermões*, tradução de Jorge Telles de Menezes, Paulinas, Prior Velho, 2009, pp. 29-102.
- PLATÃO, *Crátilo, Oeuvres Complètes* (Tomo X), Paris, Les Belles Lettres, 1963.
- PLATÃO, “*Timeu*”, *Oeuvres Complètes* (Tomo V, 2e partie), Paris, Les Belles Lettres, 1969.
- SIMMEL, G., “La quantité esthétique”, in *Le cadre et autres essais*, Mayenne, Le Promeneur, 2003, pp. 41-59.
- , “Filosofia da paisagem”, in Adriana Veríssimo Serrão (coordenação de), *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, pp. 42-51.

³⁹ “Precisamente aí onde a unidade da existência natural tende a integrar-nos nela, a nós bem como à paisagem à nossa frente, a cisão num eu que observa e num eu que sente revela-se duplamente errônea. Estamos em face da paisagem, a natural e a que deveio artística, como seres humanos inteiros, e o acto que a cria para nós é imediatamente um acto que observa e um acto que sente, que só a reflexão posterior dissocia nestas particularidades.” (G. Simmel, “Filosofia da paisagem”, p. 51)

⁴⁰ A viagem ascendente e descendente empreendida por Simmel nos Alpes lembra-nos uma outra perfeita entre a Caverna (alma) e o Sol (espírito). Interessa-nos a comparação com Platão, sobretudo porque ambos os autores apontam para um aspecto fundamental, que é o da afirmação da unidade, ainda que tênil entre os pares, “imaneente-transcendente” e “sensação-ideia”. Ouçamos Simmel: “Todavia a separação proposta por Platão entre o mundo transcendente das “ideias” e o empírico – concebida por ele como se o último se tivesse segregado do primeiro, o único real no pleno sentido da palavra – foi logo abandonada pelo mesmo pensador.” (G. Simmel, *Goethe*, Buenos Aires: Editorial Nova, 1949, p. 263)

- , “Os Alpes”, in *Ibid.*, pp. 52-58.
- , *Problemas Fundamentais da Filosofia*, tradução de Inah Oliveira do Amaral Aguiar, Coimbra, Atlântida Editora, 1970.
- , *Intuición de la Vida. Cuatro Capítulos de Metafísica*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1950.
- , *Rembrandt – Ensayo de Filosofía del Arte*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1950.
- , *Goethe*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1949.

RESUMO

No artigo *Os Alpes* (1911), G. Simmel narra-nos a génese da *Stimmung* na Altura absoluta, como a atmosfera onde homem e natureza se dispõem para a unidade. A narrativa do acontecido nos Alpes origina a experiência estético-metafísica, presente na noção de *paisagem* desenvolvida por Simmel dois anos depois, no artigo *Filosofia da Paisagem*.

Palavras-chave: *Stimmung*; Alpes; natureza; Uno; filosofia da paisagem.

ABSTRACT

In *The Alps* (1911), G. Simmel describes the birth of *Stimmung* in the absolute Height, as the atmosphere where man and nature dispose themselves towards unity. The narrative of what has happened in the Alps originates the esthetic-metaphysical experience, which is present in the concept of *landscape* developed by Simmel two years later, in the article *Philosophy of the Landscape*.

Keywords: *Stimmung*; the Alps; nature; the One; philosophy of the landscape.